



RAPHAEL D'URBINO.

TEMOS feito conhecer algumas das obras pictóricas deste insigne mestre, que foi arrebatado pela morte na flôr da idade e que assim mesmo deixou grande numero de quadros de assombrosa perfeição. Daremos agora noticia succinta da sua curta vida. É geralmente denominado d'Urbino, por ser natural desta cidade dos Estados pontificios; mas o seu appellido de familia é Sanzio; seu pai foi pintor de merecimento, e ainda existem obras d'elle, nomeadamente o painel n.º 215, 1.ª divisão, na galeria de Berlim, o qual é de consideravel belleza, posto que de colorido frouxo.

Nasceu Raphael na sexta feira santa de 1483, que nesse anno cahiu a 28 de março, e falleceu n'outra sexta feira santa, 6 d'abril de 1520, em consequencia de um ataque febril. Tomou de seu pai os primeiros rudimentos da arte, mas cedo o levaram a Perugia, dando-lhe por mestre o mais distincto professor da epocha, Pedro Vanucci, por antonomasia o *Perugino*.

Nos primeiros annos do seculo 16.º era Florença o foco de que partiu a revolução que mudou o estado das Bellas-artes: Leonardo da Vinci, natural desta cidade, achava-se no apogeu da sua reputação; distinguiam-se as suas obras por um trabalho que era muito estudado, porem mais gracioso que o dos artistas que o haviam precedido; abria elle nova senda aos discipulos da pintura. Miguel Angelo no vigor da mocidade, até ahí distincto só-

mente pelo seu eximio cinzel, excedeu repentinamente Leonardo, apresentando o cartão da *Guerra de Piza*, no qual o estudo da anatomia e o arrojo particular do seu talento lhe permittiram ostentar quanto de maravilhoso e mais difficil e profundo encerra a sciencia do desenho. — Raphael, que em Perugia aprendêra as noções da arte singela e religiosa da idade media, comprehendeu a necessidade de aproveitar-se da novidade com que a pintura adquiria realce: foi portanto á côrte dos Medicis continuar seu estudo. Por grandes que fossem os seus desejos de se pôr logo a par dos progressos, que observava, os numerosos paineis que por esse tempo acabou ainda mostram o cunho fiel das impressões recebidas na eschola do Perugino: ha sobriedade na composição demasiado singela, a gradação dos toques nimiamente pronunciada, a exactidão bastante secca no desenho, mas a brandura das expressões causa suspensão e embeleco: é o que chamam o primeiro estylo de Raphael, e ha quem o prefira ao que elle depois adoptou. Fortificado com os fructos de applicação assidua, que tanto ajudava a transcendencia de seu immortal engenho, dispóz-se a lutar com Leonardo da Vinci e Miguel Angelo no proprio theatro em que eram laureados. Sollicitava obras dignas de supportar comparação com as daquelles mestres, quando foi chamado a Roma. O pontifice Julio 2.º, soberano de vastas concepções e dotado de estremadas qualidade politi-

2.ª SERIE. — VOL. II.

cas, quiz que o esplendor, que rodeava a santa sé em virtude de seus talentos d'homem d'estado, sobressahisse com obras de seculo, filhas do esmero e do prestigio das artes: confiou a Bramante, seu architecto, o encargo de levantar templos e palacios, que equiparassem a altura de seus grandes designios politicos. Bramante fez que viesse a Roma Raphael, que era seu parente, então de idade de 25 annos. O pintor foi benevolmente recebido pelo papa, que lhe incumbiu as decorações do Vaticano, e lhe mandou começar sem dilação pela sala que chamam *della Segnatura*. Já tinha grangeado Raphael por seus anteriores quadros nome vividouro; mas pintando esta sala collocou-se superior a toda a comparação. O seu engenho foi daquelles rarissimos presentes que a Providencia concede á humanidade com intervallos longos e só a individuos privilegiados. Permitta-se-nos, sem embargo disso, interrogar segredos e explicar effeitos. Se Raphael adquiriu gloria que o elevou acima de seus contemporaneos, foi por ter simultaneamente representado as duas tendencias do seu seculo. Miguel Angelo é talvez mais original que Raphael; nada tomou do alheio; mas Raphael fez consistir toda a sua fama em levar ao ultimo grau de perfeição todas as excellentes qualidades de seus rivaes. Miguel Angelo é um colosso de força e magestade, e raros homens mereceram como elle o epitheto de *creador*: mas Raphael é a expressão mais completa do seu tempo: tomou do seculo em que viveu aquellas santidades sinceras, recebeu d'elle o amor e o estudo da antiguidade, tem como elle a mistura de christão e pagão, de religioso e philosopho: dahi vem agradar em todas as eras, e a sua corôa de gloria é immarcescível auxiliada por uma suavidade de pincel que podemos dizer lhe nascia do coração.

Concluida a primeira sala do Vaticano occupou seu talento fertil n'uma grande porção de obras, durante os ultimos doze annos da sua vida, em numero tal que move a geral admiração: verdade é que o ajudavam seus discipulos, em meio dos quaes vivia como n'uma especie de corte com toda a pompa e reverencia de principe. Julio Romano, Francisco Penni, João de Udino, e outros muitos trabalharam ás ordens e sob as inspirações de Raphael. — Leão 10.º que succedeu a Julio 2.º na Cadeira de S. Pedro não o tratou com menos distincção, fê-lo successor de Bramante, deu-lhe a inspecção das antiguidades, que se descobriam pertencentes á Roma antiga; não podia haver cargo mais adequado ás propensões do artista; diz um auctor contemporaneo que ninguem melhor conhecia a Roma velha, e que uma prova do quanto presára a arte greco-romana está nos quadros da Galatea e da fábula de Psiche, que pintou na palacio do rico negociante, Agostinho Chigi, situado alem do Tibre. — O typo ideal da Santa Virgem, reproduzido em tantas obras primorosas, é dos maiores brazões de Raphael, em que não insistiremos por muito conhecido. — O quadro da Transfiguração de que já temos fallado (\*) é a obra prima e a derradeira deste pasmoso talento, que marca o seu terceiro estylo, o *non plus ultra* da perfeição: esta concepção sublime inspirou a Vasari, discipulo de Miguel Angelo, as palavras seguintes: — Esta ultima balisa da pñtura assignala tambem o ultimo termo da vida do pintor.

(\*) Vid. a pag. 305 do vol. 1.º desta Serie.

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DOS BENS DA CORÔA E DOS FORAES.

III.

DISSEMOS antes quaes eram os elementos que faziam subsistir e engrossar o cumulo dos bens de raiz de que se compunha o patrimonio fixo do estado. Esse cumulo, que já existia na occasião em que se estabeleceu a independencia de Portugal, porque os que possuia a corôa leoneza no territorio desta provincia passaram com esse territorio para os seus novos senhores, cresceu forçosamente com rapidez pelas conquistas dos nossos primeiros reis e pelos modos de aquisição que anteriormente indicámos. Mas se essas causas tendiam activamente para o augmento da propriedade fiscal, outras havia não menos poderosas para reduzir, não o seu valor como capital, porque estes bens não podiam ser alheados perpetuamente, mas o seu valor como fonte de rendimento publico; porque o rei tinha o direito de os converter em préstamos (*praestimonium*, *aprestamo*, e dahi *emprestimo*) e fazer delles mercê por um praso indeterminado. Este direito facilitava o caminho á cobiça dos ecclesiasticos e dos nobres. A necessidade que os reis tinham de simular piedosa liberalidade para com a igreja, quando eram os mais fracos e não podiam conter pela força o alto-clero, ou quando, visinhos da morte, os terrores do inferno e talvez antes os receios de deixar vacillante o throno ao seu successor, os moviam a desbaratar com mão larga em beneficio da igreja o patrimonio publico, para remirem passadas violencias; esta necessidade, dizemos, era o principal sorvedouro dos bens da corôa. O estado continuo de guerra era o segundo. Não contentes das *optimas solidatas*, dos excellentes soldos que venciam para servirem com homens d'armas na hoste real, os fidalgos obtinham por todos os modos os préstamos que escapavam ao clero. Assim, diminuidas ou antes aniquiladas as rendas publicas provenientes immediatamente da terra, a unica maneira de as supprir — de poder pagar essas mesmas *optimas solidatas* aos nobres, pouco resolvidos a morrerem gratuitamente pela cruz e pela patria — era ir buscar os tributos do municipio. Daqui devia provir por força maior o rapido augmento na promulgação dos foraes, e o serem as disposições nelles contidas exaradas por tal arte, que o concelho pagasse em serviços pessoais, em generos, e em dinheiro [especies de tributo diversas no accidental, mas na essencia identicas] as maiores contribuições possiveis. Do exame das cartas de foral, das doações e dos mais documentos do primeiro periodo da sociedade portugueza resulta evidentemente a acção capital desta causa na instituição dos concelhos, mas nenhum talvez melhor dá idéa do empobrecimento do *Recabedo Regni* — dos haveres patrimoniaes da nação, logo no berço da monarchia — do que uma das varias bullas relativas a Portugal no reinado de D. Sancho 1.º (1). Neste diploma o papa refere-se a uma carta que D. Sancho lhe dirigira, energica e até brutal, a ponto que o audaz e violento Innocencio 3.º parece-querer na sua resposta suavisar as expressões altivas e ameaçadoras de que usa, segundo o estylo da chancellaria romana naquelle seculo. Entre outras cousas dessa carta, que não vem para o nosso intento,

(1) Bulla de Innocencio 3.º — *Si diligenter* — de 23 de feveiro de 1211 — em Baluz. Ep. Inn. 3.º Lib XIV Ep. 8 e em Aguirre Collect. Concil. T. 5. p. 158.

é notavel um periodo transcripto pelo papa, que, como era natural, o taxa de *exhalare heretica perfidia*. Ahi lhe dizia D. Sancho, que não havia modo melhor de quebrantar ou diminuir as mostras de luxo e soberba dos hypocritas (*ii qui religionem simulant*), principalmente dos prelados e clerigos, do que tirar-lhes os motivos disso — a *demasiada superabundancia de bens temporaes*, que tinham delle e de seu pai, com grave damno do reino e dos successores da corôa, e *distribuir esses bens* por seus filhos e pelos defensores do estado, *faltos muitas vezes do necessario*. Estas expressões de D. Sancho, ou antes do seu chanceller, pintam com vivas côres o estado dos bens da corôa naquella epocha, e mostram como, ao passo que o clero devorava a maior e melhor porção delles, a fidalguia que achava um quinhão diminuto no que lhe restava, não deixaria de approvar que elrei fizesse mais igual divisão da preza.

Esta cubiça dos poderosos era tal, e tal a precissão em que os reis se viam de a satisfazer, que os proprios tributos dos municipios se converteram logo, até certo ponto, em préstamos. Nos foraes supõe-se por via de regra a existencia de um *senhor da terra*: as instituições municipaes, porem, nem creavam, nem tornavam necessaria essa entidade como elemento organico: o rei que constituia o concelho, muitas vezes n'um ermo, ou n'uma antiga povoação destruida até os fundamentos, que os novos moradores deviam reedificar, e cultivar-lhe o alfoz, era o senhor natural dessa povoação. E todavia, na carta que vai, por assim dizer, tirar do nada um municipio, apparecem logo previstos os deveres e direitos dos villões para com um donatario; para com um representante do principe; para com o *senior terrae*. Esta circumstancia que prova? Que esse facto era trivialissimo, e quasi constante. Mas quando ainda isso fosse duvidoso, os mesmos foraes no-lo provariam do modo mais incontestavel: n'alguns delles — não é grande o seu numero — apparece a condição de nunca a terra ter por senhor senão o proprio rei ou um filho seu, ou outrem que os villões approvem (2), o que mostra, que só por excepção, parte das contribuições municipaes deixavam de correr para o sorvedouro das classes aristocraticas.

Se, porem, pela natureza da organização municipal não podemos achar a razão desta existencia

(2) A. C. do Amaral e J. A. de Figueiredo confundiram este privilegio especial dado a alguns concelhos com o privilegio das behetrias. Qual fosse a origem das behetrias não será facil dizer com certeza. Talvez a opinião de J. P. Ribeiro de que foram povoações que por si proprias sacudiram o jugo dos mouros, seja a mais plausivel. E' notavel, porem, que elle mesmo accitasse a opinião de Figueiredo e Amaral. As behetrias tinham direito de escolher senhor; mas nestes concelhos devia sê-lo o rei, ou seu filho, e a quererem pôr-lhe outro, era necessario que o concelho o *acceitasse*. Evidentemente o *qui vos quesieritis*, ou *quem concilium voluerit* significa isto; aliás o artigo do foral seria absurdo por inexequivel. O privilegio da eleição nas behetrias supõe-se absoluto e sem restricções: pelo contrario nestes concelhos o ser o rei ou seu filho o senhor constitue o privilegio, e a eleição ou approvação dos villões para ser outrem donatario é uma restricção do principio. O que significaria o privilegio de behetria — a absoluta liberdade eleitoral — se os reis quizessem ser constantemente os *seniores*? Os escriptores já citados admiram-se de que as terras, que ainda nos fins do seculo 15.<sup>o</sup> ou principios do 16.<sup>o</sup> gozavam o direito de behetrias, não fossem nenhuns daquelles concelhos que por foral haviam o privilegio de ter o rei por senhor: era justamente isto que os devia allumiar para verem que se enganavam confundindo essas duas especies.

de um senhor ao lado de cada concelho que nasce, achamo-la, todavia, em grande parte na indole militar do paiz. O systema predominante da guerra entre arabes e christãos, e principalmente entre os ultimos, era d'assaltos e correrias repentinas, conhecidos pelos nomes de *arrancada*, *algara*, &c.: daqui nascia a necessidade de construir um castello, uma fortificação onde quer que se estabelecia um logar ou villa, principalmente naquelles districtos limitrophes com provincias d'inimigos. Esse castello dava-se a governar e defender a um cavalleiro com o titulo d'alcaide, titulo que recebemos do cargo analogo entre os arabes, abandonando a denominação romana, e mais antiga (3) de *municipes*, que na idade media tomára a significação de *castellanus* ou capitão de fortaleza, se não é que o *municipes* indicava antes uma especie, o castelleiro da povoação acastellada de um *municipio*. Naquelles concelhos em que por foral só o rei ou seu filho podia ser senhor, as regalias deste *municipes* ou alcaide deviam ser mui limitadas, e reduzir-se talvez, pouco mais ou menos, ás do moderno governador de uma fortaleza; mas nos demais nada era mais facil, mais natural, do que o rei dar em préstamo uma parte dos direitos e rendas, que dahi lhe provinham pela carta de foro ou pacto municipal, ao nobre cavalleiro que se encarregava com os seus homens d'armas de vigiar pela segurança da povoação nascente. Este alcaide vinha por semelhante modo a ser um verdadeiro donatario, um *senior*, que, porventura, não recebia soldo, o que ainda ignoramos, por um serviço militar não menos arriscado e trabalhoso que o do donatario de terras da corôa, que o recebia, para seguir nas batalhas a hoste real.

Temos dito *parte* das contribuições, *parte* dos tributos e rendas, porque os serviços pessoaes impostos nas cartas de foro eram por via de regra de natureza tal que não podiam aproveitar ao donatario, ou *senior*. Assim a *adua*, ou obrigação de trabalhar nas obras dos castellos e muralhas, a *hoste*, o *fossado*, o *appellido*, as *atalaias*, as *guardas* que constituíam as differentes variedades do serviço militar, e alem disto algumas penas pecuniarias, que ás vezes no proprio foral ficavam expressamente reservadas para o fisco; estes impostos e outros analogos esquivavam-se pela sua natureza á insaciabilidade dos fidalgos; mas como elles podiam converter o resto em utilidade particular, por esse motivo talvez não apparecem entre nós resistencias aristocraticas á criação dos communs, nem essas luctas de morte de que a França nos offerece tão repetidos exemplos.

Alludimos ao serviço militar dos concelhos. Neste serviço está, quanto a nós, a terceira causa capital da efficacia sempre progressiva dos reis na organização de um vasto systema municipal. Para se entender a importancia daquelle serviço, importancia não menos politica do que militar, é necessario ter uma idéa clara do modo de ser da sociedade geral, e da sociedade particular chamada concelho.

Muitas vezes, fallando da idade media portugueza, costumamos servir-nos da expressão *tempos feudaes*: estas palavras lêem-se em escriptos graves, retumbam dentro do parlamento, e quantas vezes nós mesmos as teremos escripto e repetido! Todavia em relação ao velho Portugal não ha phrase

(3) Esta denominação ainda é frequente na Historia Compostellana para significar o governador ou alcaide-mór de um castello ou povoação.

mais inexacta. Não é um desar, um nome deshonroso que nós queiramos aqui apagar na frente do passado: — o feudalismo foi um meio de progresso, um elemento de ordem, e por consequencia um bem, em quanto a civilização precisou delle: o nosso intento é rectificar um grande erro historico enraizado até em bons espiritos. Embora muitos costumes dos paizes da feudalidade se introduzissem entre nós: a essencia da organização feudal nunca vingou na sociedade portugueza: oppunha-se-lhe a indole della. A demonstração é facil.

Os dois caracteres principaes dos feudos eram a perpetuidade do dominio delles no feudatario e nos seus successores, e a obrigação do serviço militar para com o suzerano: o feudalismo apresentava as jerarchias de suzeranos, feudatarios e subfeudatarios; e todas as propriedades de certa importancia, ainda as que eram d'antes livres ou allodiaes se converteram gradualmente em feudos. A feudalidade devorou tudo nos paizes onde existiu, e foi a propria essencia da sociedade. Ahi, quasi que o ser homem livre era ser nobre, e a nobreza, amoldando-se, por assim dizer, a este pensamento e ás varias situações dos individuos, subdividia-se em grande numero de gráus. Mas estes não se prendiam uns aos outros senão pelo serviço militar: satisfeita essa condição, o feudatario era senhor absoluto dentro das suas possessões, e ninguem o podia privar dellas, nem aos seus herdeiros, ao menos nos limites da stricta legalidade.

Estes caracteres, porem, do serviço militar e da perpetuidade de successão faltavam entre nós nas terras dos nobres, muitas das quaes eram verdadeiramente patrimoniaes, ao passo que outras pertenciam á corôa; mas nem estas podiam ser dadas como feudos, nem aquellas, por consequencia, virem tomar um caracter que faltava nas proprias terras dos donatarios da corôa.

Á perpetuidade das doações, ao menos no primeiro periodo da nossa historia, oppunha-se o direito constitucional do paiz — a inalienabilidade do patrimonio do estado; porque esse direito era o mesmo que receberamos de Leão. J. P. Ribeiro, n'um escripto em que fóra conveniente ao seu proposito a doutrina contraria, o reconheceu, nem poderia negá-lo (4). Desde o reinado de D. Affonso 2.<sup>o</sup> appareceu a necessidade das confirmações de rei a rei, as quaes não são mais do que o resultado da jurisprudencia constitucional, e assim achámos não interrompido o direito de reversão dos bens da corôa, quer estes fossem de raiz, quer rendas, censos, ou quaesquer direitos reaes. E posto que semelhantes reversões se não realisassem vulgarmente, ainda nos resta o diploma pelo qual D. Diniz revogou as mercês inofficiosas que fizera na sua primeira mocidade.

A outra condição caracteristica, sem a qual se não concebe a existencia do feudalismo, é a das obrigações de serviço militar do feudatario para com o suzerano em virtude do seu dominio da terra; quer esta fosse originariamente allodial ou livre, e o possuidor a infeudasse a algum nobre poderoso, ou ao rei, para que o amparasse; ou fosse realmente havida destes por titulo de feudo. Essa condição falta, porem, no modo de possuir das classes nobres de Portugal.

A propriedade aristocratica no primeiro periodo da nossa historia podia ser de dois modos — ou pa-

(4) *Reflexões Hist.* P. 1.<sup>a</sup> p. 97. — Quanto a Leão, vide Mariaua — *Ensayo* § 71 e seg.

trimonial ou regalenga, isto é, da corôa. Em um e outro caso essas propriedades eram privilegiadas, e este privilegio consistia em serem honradas ou coutadas. E quaes vinham a ser os caracteres dos *Coutos* e *Honras*? O estarem exemptos do serviço militar e dos tributos reaes. Innumeraveis documentos coevos o fazem conhecer; mas um sobre todos o leva á evidencia: o proprio rei — [D. Diniz] define esses privilegios. «Coutar uma terra — dizia elle — é escusar os seus moradores de *hoste*, e de *fossado*, e de *foro*, e toda a *peita* (5).» Quatro expressões que abrangem todos os tributos; — serviço militar (*hoste e fossado*) — contribuições em dinheiro ou generos (*foro*) — penas pecuniarias ou *calumpnias* (*peita*).

Esta definição de *Couto* é extensiva á *Honra*, que A. C. do Amaral provou ser a mesma cousa que o *Couto*, quanto á identidade dos privilegios. Dizemos quanto á identidade dos privilegios, porque a nossa opinião é que as suas origens eram diversas, e que alem disso a denominação d'*Honra* era mais vaga, estendendo-se ás propriedades dos cavalleiros vilões, do que se encontram provas a cada passo nos foraes, vindo assim muitas vezes a ser synonymo da palavra *cavallaria*, que em um dos seus varios significados representava em geral as propriedades privilegiadas por qualquer especie de nobreza militar.

Pelo que toca á differença d'origem, se não nos enganámos, o *Couto* procedia de um acto especial do rei, que privilegiava um territorio ou herdamento, e a *Honra* adquiria esta qualidade mais pelo simples facto de pertencer a um nobre do que por mercê do rei. Os abusos intoleraveis, a que este systema desordenado de privilegiar a terra deu azo, suscitaram as severas providencias de D. Diniz que remediaram esses abusos quanto ao futuro, mas deixaram subsistir os resultados que haviam produzido na primeira epocha historica, isto é, até os fins do seculo 13.<sup>o</sup> — O complexo daquellas providencias é talvez a collecção mais importante de monumentos para o estudo do modo de ser da propriedade entre as altas classes nos tempos primordiales da monarchia (6).

Vemos, pois, que quaesquer terras possuidas pela aristocracia secular e ecclesiastica eram de uma natureza opposta ás condições capitaes dos feudos. A exempção do serviço militar deduzida dessa natureza tinha graves consequencias. Era a primeira que os bens da corôa distribuidos com mão-larga pela nobreza e pelo clero não serviam para augmentar a força publica do paiz; era a segunda que para obter o serviço militar dos fidalgos e dos seus acostados ou homens d'armas, serviço importante pela pericia e valor desta casta illustre, cumpria estabelecer-lhes estipendios que haviam de saber, como já vimos, desse mesmo tão defecado patrimonio publico; era a terceira a necessidade de crear uma milicia gratuita, que podesse supprir a falta dos homens d'armas estipendiarios, quando os meios da fazenda não chegassem para lhes pagar largamente, e que ao mesmo tempo servissem de elemento de equilibrio contra a força da aristocracia; porque naquelles tempos barbaros, como em todos os governos pessimos, e nas sociedades mal constituidas, os elementos d'equilibrio e de ordem

(5) Liv. 3.<sup>o</sup> da Chancell. de D. Diniz f. 72 — nas Mem. da Acad. T. 6.<sup>o</sup> P. 2.<sup>a</sup> p. 120.

(6) Acham-se publicadas nas Memorias para a Hist. das Inquirições.

vão-se procurar sempre na força bruta da soldadesca, com preferencia aos principios da força moral.

Eis porque dissemos ha pouco que em nosso entender a terceira causa capital da efficacia com que os reis trabalharam por multiplicar as existencias municipaes foi a importancia de organizar o serviço militar. Esta organização, feita em proveito do poder central, tinha tambem, como dissemos, uma importancia politica, que não é possível desconhecer.

As causas, pois, que desenvolvemos com mais alguma extensão, e a que attribuímos o rapido incremento dos concelhos, são tres principalmente: — o instincto de fortalecer o povo como alliado natural da corôa contra as classes aristocraticas, e em especial contra o clero: — a necessidade de crear uma fonte de rendimentos que permittisse o desbarato dos bens da corôa: — e, emfim, a conveniencia de instituir uma milicia que supprisse a falta da milicia feudal. Quanto ás causas moraes, ás considerações piedosas, e de amor da prosperidade da nação, que se lêem nos bondosos escriptores de cousas historicas, com magoa confessámos que a nossa consciencia, involuntariamente incredula, não tem energia bastante para os ir buscar ás paginas innocentes desses escriptores, e aos preambulos pomposos dos foraes, onde, na verdade, tão santos motivos e considerações se encontram ás vezes. Felizes aquelles que podem ver as cousas da idade media por esse prisma de sete côres! A imagem que se lhes representa aos olhos, se não é verdadeira, é ao menos apprazivel. Os sonhos deleitosos são bons; bons até quando são sonhos de homem acordado.

Examinemos agora os municipios no seu modo d'existir interno, e vejamos como elles correspondiam ás causas que os fizeram nascer.

(Continuar-se-ha).  
(A. Herculano).

#### CULTURA DA VINHA.

##### Da póda.

APESAR da docilidade com que a vinha em nossos climas corresponde ao afan do cultor, não melhorarão os fructos, nem por consequencia seus resultados, os vinhos, sem que os proprietarios e seus caseiros attendam muito á qualidade do terreno e das especies que lhe convem, á temperatura e exposição, e a outros accidentes: alem disto a póda, que muitos praticam brutalmente, é neste ramo operação essencial e digna de séria attenção; porque dirigida com acerto e marcando a altura correspondente a cada vide aperfeiçoará a madureza dos fructos e a qualidade dos succos, ponto de maior interesse ainda que difficil de acclarar. Continua-se todavia a prestar ridicula homenagem ao influxo da lua para fazer-se essa operação sem olharem para o momento mais favoravel de verifica-la, o qual a mesma planta indica, e é quando começa o primeiro movimento de seus liquidos, ou seiba; regra geral para todos os paizes. Variará o tempo segundo os climas; mas quando a planta principia a formar os gomos ou olhos, então se hade praticar a póda. Fazendo-se antes, a natureza não póde acudir á cicatrização dos golpes e expõe-se o vegetal a perecer; se é feita mais tarde sobrevem fluxos dos succos e até a desorganização da planta. A

operação da póda funda-se n'alguns principios que o cultor deve ter presentes. O succo nutriente sobe das raizes ás varas o mais verticalmente que é possível, accumulando-se nos braços rectos com detrimento dos outros: as varas a que afflue abundante seiba produzem muita lenha e pouco fructo; pelo contrario aquellas a que não acode tanta. Toda a vara velha não dá ôlho ou gômimo, senão obrigada pela póda. Para esta operação trata o agricultor de que a seiba vá distribuida com justo equilibrio, evitando que saíam varas parasitas, que em grande numero na cêpa ostentariam louçã vegetação mas com pouco producto. A videira abandonada a si daria raros e máus cachos; podada floresce e fructifica melhor e successivamente. Hade fazer-se a póda em dia sereno e tempo enxuto, com os córtes obliquos, evitando os talhos inuteis por pequenos que sejam. — Para diante desenvolveremos a pratica, com auxilio dos nossos escriptores, que desta cultura trataram.

É sabido que a bacellada se não póda, para deixa-la arreigar-se e desenvolver-se: porem ao segundo anno póda-se mui rente acima do ôlho ou gômimo mais proximo á terra, segando ao mesmo tempo todos os sarmentos. Na estampa, que incluimos neste lugar, a figura do lado direito desta columna mostra os lançamentos desenvolvidos, com sequencia desta póda primeira:



A segunda póda, isto é a do terceiro anno, deve ser menos rente do que a anterior, e effectua-se acima do primeiro, segundo, ou terceiro ôlho ou borbulha, segundo a força da videira: todos os demais olhos são rejeitados por inuteis: vid. a figura 2.<sup>a</sup> immediata á esquerda da 1.<sup>a</sup> na pequena lamina, que inserimos acima: a 3.<sup>a</sup> figura demonstra os rebentões que dahi procedem: nesta epocha se deixam as *esperas* a que n'alguns sitios chamam *fiadores*, e n'outros *guardas*, para o caso que pereça a vara com que se conta; então é damnosa a operação de desparrar ou desfolhar, no tempo em que isto se costuma.

A terceira póda pratica-se acima dos primeiros, segundos, ou terceiros olhos dos lançamentos que resultarem do anno precedente [figura 4.<sup>a</sup> da mesma estampa] tem por objecto formar a cabeça da videira, as varas mães, ou varas mestras como é uso chamar-lhes: podem estas variar de numero, conforme as circumstancias; mas nunca passarão de quatro ou cinco.

A quarta póda faz-se nas vides da cabeça da videira; supprimem-se todos os olhos menos o primeiro, e igualmente quantos renovos brotarem das raizes: figura primeira á direita, na seguinte estampa.



Quinta póda: formação completa da cabeça da videira [figura que se vê á esquerda]. O trabalho de esfolhar ou desparrar sahe bem em alguns climas para apressar e melhorar a maturidade da uva; mas só se hade applicar ás plantas vigorosas e mui proximas a outras.

Ao chegar a videira ao sexto anno de sua plantação, que é o quinto da póda, deve achar-se com todas as partes que a constituem perfeita. — Diremos dos cuidados que se lhe hão de prestar para o diante.

(Continuar-se-ha).

IGREJA DE SANTA MARIA DO OLIVAL, MATRIZ DE TODAS AS OUTRAS IGREJAS DA ORDEM DE CHRISTO.

### III.

QUANDO se lê nas historias patrias que a igreja de St.<sup>a</sup> Maria do Olival fôra primitivamente templo de monges beneditinos no 7.<sup>o</sup> seculo da era christã, memoravel por ser aquelle em que a virgem portugueza, St.<sup>a</sup> Iria, ia consagrar a Deus seus votos ferventes, e aquella coragem heroica que a fez preferir a perseguição e o martyrio aos favores e esplendor d'um thalamo illustre; quando se recorda, dizemos, que foi basilica de uma ordem famosa, da brilhante cavallaria do templo; fundada e amplamente dotada pelo fundador da monarchia; e depois cabeça e matriz da outra poderosissima e relevantissima ordem de Christo, em que seus mestres eram principes e reis, como ainda hoje são; admiração e assombro deve causar que em logar d'um templo vasto, magnifico e opulento encontremos uma pequena e pobre igreja, desamparada no meio d'uma solidão d'entulhos, sem vestigios outros de sua antiga origem mais do que uma tósca e negra torre gothica coroada de sinos mui communs em mesquinho e rustico campanario! — Pois é esta, exclamariam alli os curiosos levados pela lição dos historiadores, é esta, na apparencia, igreja de parochia aldeã, aquella celebrada basilica da ordem de Christo, matriz de todas as igrejas das conquistas nas Ilhas, na Africa, na Asia e no Brasil! É aqui onde celebravam suas festas e commemorações gloriosas os prelados do convento de Thomar, os quasi bispos, administradores do seu vasto e povoadissimo exempto, os chefes ecclesiasticos da cavallaria de Christo no reino e nas colonias! Foi aqui onde tiveram seu illustre jazigo um D. Gualdim Paes e demais mestres templarios, os companheiros dos reis nas batalhas; e depois destes muitos de seus successores, não menos benemeritos, e porventura que muito mais venturosos, os mes-

tres, dignatarios e cavalleiros da ordem de Christo! E onde jaziam suas honradas reliquias, onde estão esses respeitaveis labores e debuxos de suas campas, a espada templaria, os braços de suas armas, as cruces de Christo, os letreiros gothicos que nos apontassem seus nomes? *Sic pertransiit?*

Pequena e acanhada, desigual ao seu objecto e a suas glorias, era com effeito a igreja de St.<sup>a</sup> Maria do Olival: mas o que ahí minguava em grandeza era compensado no grupo, e quasi labyrintho de outras muitas pequenas igrejas, oratorios, ou capellas que a cercavam: parecendo que com religioso acatamento cada um dos fundadores e devotos, sem atrever-se a tocar no antigo venerando santuario, se comprazeu em accrescentar ao redor d'elle uma nova construcção religiosa, como para compensar a deficiencia daquelle. Assignar a cada uma destas construcções, hoje desapparecidas, suas epochas e seus auctores não é tarefa de facil ou possivel averiguação: nossos antigos eram menos escrevinhadores do que edificadores e constructores, e a incuria fez o resto. As poucas noticias que colheamos, segundo as dá o livro do Tombo, são as seguintes:

1.<sup>a</sup> Igreja ou capella de S. Perofins. Suppõe-se que esta era a da primitiva, orago do mosteiro de monges beneditinos, a mesma que era parochia da antiga Nabancia, onde frequentava o culto St.<sup>a</sup> Iria. Parece que depois de varia fortuna a reedificou Filippe 2.<sup>o</sup> de Castella, e pertende o livro do Tombo que uma lapide, posta sobre a porta principal della, attestava em letreiro sua origem antiga.

2.<sup>a</sup> Igreja ou capella de S. Miguel, maior e mais bem construida que todas as demais; foi demolida sendo vigario D. Diogo Pinheiro, que depois foi nomeado bispo do Funchal: estava situada ao poente da igreja de St.<sup>a</sup> Maria. Sendo D. Prior de Thomar D. Diogo da Gama em tempos d'elrei D. João 2.<sup>o</sup>, com a pedraria da tal capella se construíram umas casarias [diz o Tombo] ahí perto que serviam de recreio aos freires. Em compensação daquella capella demolida mandou o mesmo D. Prior construir outra, pegada ás ditas casarias, da mesma invocação de S. Miguel, pequenina mas primorosa de-architectura, a qual ainda hoje existe em pé mas arruinada e deturpada, quasi enterrada entre silvas na Insoa ou Horta das Freiras, ahí pegada ao rio Nabão.

3.<sup>a</sup> Capella de St.<sup>a</sup> Maria Magdalena, quasi encostada á igreja de St.<sup>a</sup> Maria do Olival, do lado do norte. Esta antiga lindissima capella foi demolida em 1840. Por essa occasião pereceram os tumulos antigos que ahí havia, e até as lapides com suas inscripções foram embutidas [segundo diz o nosso informador] no muro do novo cemiterio. Pelo mesmo tempo se demoliu aquelloutra capella de S. Perofins, onde se encontrou uma lapide encaixada na parede, de palmo em quadro, onde estava escripto:

— 6.<sup>o</sup> [ou 5.<sup>o</sup>] *Nonas maii obiit Garcia Bermudes cui beata sit requies anno 1232.* — Nós encontrámos o nome deste cavalleiro acompanhando a côrte d'elrei D. Affonso 2.<sup>o</sup> e confirmando uma doação real na era de 1249. *Mon. Lusit. P.<sup>o</sup> 4.<sup>a</sup> L. 13 cap. 1.<sup>o</sup>*

O Tombo antigo, fallando das demolições e reconstrucções do tempo dos dois soberanos, D. Manuel e D. João 3.<sup>o</sup>, e da salvageria com que foram maltratados os tumulos e construcções antigas, em

que entravam aquellas antigualhas exteriores que acima apontámos, diz que por esse tempo se arrastaram umas casarias que estavam juntas á igreja, que se dizia serem edificadas precisamente no lugar do antigo convento e de sua claustra primitiva. — É para lamentar, accrescenta o auctor do Tombo, que se destruissem tantas antiguidades, tantas bellezas; o que devia ser por ignorancia dos mestres e descuido dos vedores. Ahi existia tambem uma capella instituida por D. Estevão Peres Espinel (\*), que totalmente desapareceu. Mas esta destruição se fez sem licença d'elrei, e com muita differença do que praticou no convento de Christo Fr. Antonio de Lisboa, quando presidiu á reforma da igreja do convento, fazendo mudar com cuidado os monumentos do mestre D. Lopo Dias de Sousa, e outros da antiga capella do Senhor da Graça, que se demoliu para a de St.<sup>a</sup> Maria do Castello, onde ainda existem mutilados. —

Vê-se de todas estas memorias que a igreja de St.<sup>a</sup> Maria do Olival, hoje desamparada e só [se exceptuarmos uma pequena e mesquinha casa ou casebre com pequenina cerca encostada á esquina do lado do meio dia, que suppomos seria para o guarda ou sacristão do templo], fôra antigamente acompanhada e rodeada de capellas, casarias, tumulos exteriores a esses logares sagrados, alem das casarias do antigo convento. Nos tres primeiros seculos da monarchia, dominando a devoção e espirito de cavallaria, muitos dos grandes senhores procuravam deixar depois de si estes monumentos de piedade, e jazigo christão para suas cinzas.

(Concluir-se-ha.)

#### O ECLIPSE DO SOL DE 8 DE JULHO DE 1842.

##### I.

HA certos phenomenos que, alem da sua importancia considerados em relação aos progressos das sciencias, são dignos da maior attenção pelo modo evidente com que veem confirmar, ou pôr em duvida a veracidade de muitos principios scientificos. Estes phenomenos quasi sempre exigem novos estudos, ao mesmo tempo que são uma avaliação rigorosa dos resultados que o espirito humano tem tirado do estudo e da observação até a epocha do seu apparecimento. — Esta epocha prevista pela sciencia é geralmente esperada com anciedade; e pelos que a marcaram é desejada com uma desconfiança occulta, com um receio, do qual muitas vezes, ou sempre desconhecem a origem; mas esse receio, ou a desconfiança revela a pequenez dos maiores recursos da intellectualidade, que se tornam indecisos e descrentes de si mesmos, logo que dependem da immensidade e omnipotencia do Creador. A sciencia tem chegado a um estado tal de progresso, que esta desconfiança e indecisão podem tornar-se sensiveis por uma differença de instantes. — O eclipse annunciado pelos astrônomos para 8 de julho de 1842, era um destes phenomenos que poucas vezes se repetem com todo o desenvolvimento possivel, e que teem grande influencia no futuro da sciencia. Os homens que neste seculo mais se

teem entregado ao estudo sublime da astronomia, tinham com antecedencia preparado todos os meios que podiam auxiliar as observações que deviam fazer: a estes meios filhos da arte juntaram-se os grandes recursos que a natureza possui, que todos concorreram para se observar com a maior perfeição tão importante phenomeno. Muitos trabalhos ricos de sciencia e de factos nasceram dessas observações. Em Portugal não sabemos o que se fez: mas custa-nos a crêr que se não fizesse nada; todavia assim parece que o deveriamos julgar; porque se alguns trabalhos existem a tal respeito, por certo que ainda não vieram á luz: e deste facto se pôde deduzir que, ou esses trabalhos são tão sabiamente elaborados que o publico os não poderia comprehender, ou tão insignificantes e imperfeitos que só merecem o esquecimento. Seria muito conveniente que os homens de saber, que por mercê de Deus ainda possuimos, evitassem que fóra de Portugal se possam deduzir taes consequencias do nosso silencio ácerca dos acontecimentos que mais põem em movimento todo o mundo scientifico.

Entre alguns escriptos que temos lido, e em que se trata deste eclipse, parece nos que as observações de Mr. Pinaud e Boigirand são muito merecedoras de serem vulgarizadas pela simplicidade com que são apresentadas, e exactidão com que inculcam ser feitas. Estas observações foram lidas na academia das sciencias de *Toulouse*; e foram feitas no ciroto de uma das torres da cathedral de *Saint-Just*. Os instrumentos empregados foram tres oculos astronomicos, um telescopio de Gregory, um thermometro centigrado, dois polariscopios, e os chronometros e vidros córados de differente espessura que eram indispensaveis para se completarem as observações. — A natureza, como já dissemos, correu para que o phenomeno pudesse ser visto do melhor modo possivel. O sol despontando no horizonte ás 4 horas, 23 minutos e 30 segundos encheu a abobada celeste com a luz pura e brilhante de um dos mais formosos dias de estio, em que nem uma ligeira nuvem mancha esse azul do firmamento, que não tem na terra uma cór que o possa imitar; esse azul luminoso que é como uma imagem do infinito, e atravez do qual a idéa se perde como a vista: só nos primeiros instantes em que o astro da luz assomava no horizonte, é que algumas transparentes nuvens lhe quebraram o esplendor: mas esses mesmos raios brilhantes que as interceptaram, se dissiparam, e o sol raiou com todo o seu brilhantismo: e vinte e sete minutos depois do nascimento do sol começou o eclipse. Para darmos aos nossos leitores uma idéa approximada deste phenomeno extrabiremos dos escriptos em que já fallámos de Mr. Pinaud e Boigirand o que nos parece mais proprio para este effeito. « Ás 4 horas, 50 minutos e 15 segundos a extremidade oriental da lua cortou o disco occidental do disco solar na região noroeste, 41 gráus á direita do diametro vertical, e o astro eclipsante com um movimento uniforme caminhou de noroeste a sudoeste. Ás 5 horas, 42 minutos e 54 segundos a parte visivel do sol formava um crescente cujas extremidades se tornavam cada vez mais finas e delgadas. A regularidade dos contornos do crescente começou a ser alterada por muitos recortes escuros e móveis, dos quaes era impossivel determinar o numero e a altura; sendo uma das causas que mais se oppunha a este fim a agitação das ondulações que sulcavam os lados do crescente, nas extremidades da qual appareciam estrias escuras: alguns segun-

(\*) Este D. Estevão Pires Espinhel foi commendador da commenda de Santarem, de que era cabeça a igreja de Santiago, pertencente a templarios: assignou com muitos outros dignatarios da ordem n'uma aquisição do mestre D. Martim Martins, no anno de 1262. Monarch. Lusit. P. 5.<sup>o</sup> L. 16 cap. 22.

dos depois já o disco da lua tinha inteiramente encoberto o sol, e ás 5 horas, 43 minutos e 13 segundos o eclipse era total. Antes de apresentarmos os bellos phenomenos que tiveram logar em quanto o sol estava inteiramente occulto, terminemos esta curta enumeração das diversas phases do eclipse, o qual deixou de ser total ás 5 horas, 45 minutos e 11 segundos. Durou em Narbonne um minuto e 58 segundos. Assim que o lado occidental do sol surgiu de sob o disco da lua, a escuridão foi dissipada pela intensa luz que abrilhantava esse lado; depois tornou a apparecer um crescente debil na direcção do noroeste, absorveram-se os recortes móveis, estrias muito visiveis como já se haviam observado. Ao passo que o crescente augmentou, diminuiu o numero dos recortes, e uns ligamentos escuros que pareciam unir os dois lados do crescente desapareceram no fim de 20 a 25 segundos. Finalmente a sombra que a lua tinha projectado sobre o sol, e que parecia um véu, foi desaparecendo com uma lentidão magestosa, e o eclipse acabou ás 6 horas, 42 minutos e 40 segundos. A sua duração total foi de 1 hora, 52 minutos e 25 segundos.

(Concluir-se-ha.)

S. J. Ribeiro de Sá.

## Bibliographia.

*De la Cosmogonie de Moïse comparée aux faits géologiques par Marcel de Sevre.*

*Dizionario di Erudizioni Storico-Ecclesiastico da S. Pietro fino ai nostre giorni, da Caetano Moroni.*

Das ruinas do erro surge a cruz, como surgiu das ruinas do mais poderoso imperio do mundo. — A sciencia vai dissipando as trevas, com que o descer do seculo passado e a indifferença do seculo actual haviam cercado a humanidade. Um grande pensamento se debate entre o fanatismo e a heresia; em quanto este pensamento não vencer estes dois erros os povos não serão felizes. — Grande e nobre é a missão do homem, que, ao passar por sobre este mundo de transição, não póde ser indifferente aos soffrimentos do genero humano. — Bem vindos são a este valle de lagrimas os que tão christãmente vivem com seus irmãos; e ouvirão as orações solemnes em que se repetem as santas palavras do Evangelho: — *Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonæ voluntatis* — e tambem a nossa voz debil e humilde repetirá estas sublimes expressões vendo esses homens erguer a sua voz em favor da religião que tanto temos visto desprezar, e contra os abusos com que em outras eras a pertenderam envolver falsos christãos. — Uma nova edição da obra preciosissima de Mr. Marcel de Sevre acaba de sahir a lume — essa obra é um dos mais energeticos e altos brados que a sciencia tem soltado em favor da religião christã; ainda que a obra de Mr. Marcel não deva obrigar-nos a ser ingratos para com muitos outros escriptores, e principalmente para com Wiseman, que no seu Discurso ácerca das relações que existem entre a Sciencia e a Religião revelada — tratou magistralmente o importantissimo assumpto de que trata o livro, cuja segunda edição annunciámos com a maior satisfação; devemos declarar que o modo como Mr. de Sevre considerou esta questão torna o

seu livro preferivel a quantos em tal materia se hajam escripto (\*).

A segunda obra que annunciámos, e da qual não consta que exista um só exemplar em Portugal, está por tal modo elogiada no Boletim litterario de um dos melhores jornaes da França [fallámos da Revista do Meio-Dia] que não podemos deixar de considerar esta obra como uma das mais vastas concepções do seculo em que vivemos — «O Dizionario di Erudizioni Storico-Ecclesiastico» — já conta 20 volumes e ainda não terminou a lettra E; e resume o estudo das relações que tem existido entre Roma christã e a sociedade antiga e moderna. — Esperámos que a nossa Bibliotheca Publica fará as possiveis diligencias para possuir um exemplar de obra de tanta transcendencia.

S. J. Ribeiro de Sá.

*Pintor de genero singular.* — No presente seculo viveu um pintor suiso, por nome Godofredo Mind, que era vulgarmente denominado o Raphael dos gatos, porque ainda ninguem melhor reproduziu os rasgos caracteristicos da raça felina: representava-os ora em grupos ora individualmente, exprimindo no mór auge de naturalidade aquella mescla de audacia e sujeição, de placidez e de má fé, por que tanto se distinguem os gatos; era incomparavel na vivacidade das scenas das familias de gatinhos, variando as posturas destes espertos animaes em seus brinquedos. Basta dizer que por ultimo já não pintava outra cousa, e que os estrangeiros, que frequentavam Berne onde residia, presavam muitissimo obter algum desenho desta natureza.

Esta propensão e gosto nasciam da grande estimação que Mind fazia dos gatos: e os seus, que não eram poucos, tinham regalado e cauteloso tratamento; com elles se entretinha e desenfadava: e note-se que este homem era de genio, postoque nada grosseiro, mui pouco social. — Quando as auctoridades da republica bernense, receosas dos declarados symptomas de hydrophobia, que se manifestaram nos gatos da cidade, no anno de 1809, mandaram exterminá-los, conseguiu Mind evitar que se damnassem os que lhe pertenciam, e conservou-os; todavia penalisou-se grandemente com a malança, que passou de 800 gatos immolados á segurança publica.

Quanto pintava neste genero, tão exquisitamente peculiar, tudo extrahia; e não podia satisfazer ás muitas encomendas da mesma especie, que amiudada e successivamente lhe faziam. — Mind morreu ha poucos annos.

Se tão sómente a intelligencia nos governára, fomos anjos: se o coração, não tivemos senão paixões cegas e desenfreadas.

Começámos a viver pelo sentimento; acabámos pelo pensamento.

T. A. Craveiro.

(\*) O auctor deste artigo ja deu uma prova do quanto esta grave materia tem sido objecto dos seus estudos: pois no livro = A Desmoralisação e o Seculo = em o Fragmento 4.º, quando nota algumas das tendencias anti-moraes desta epocha, desenvolveu quanto cabia nos limites do seu opusculo a opinião em que está [conforme á de homens sapientissimos] de que a sciencia confirma a verdade da Biblia. — Os RR.